

## Entre o Brás Cubas e o ChatGPT: a ironia machadiana e os novos modos de leitura na era da inteligência artificial

*Between Brás Cubas and ChatGPT: Machado's irony and new ways of reading in the era of artificial intelligence*

*Entre Brás Cubas y ChatGPT: La ironía de Machado y nuevas formas de lectura en la era de la inteligencia artificial*

Alfredo Marcus Guimarães<sup>1</sup>

### Resumo

O presente artigo propõe uma reflexão interdisciplinar entre literatura, linguagem e tecnologia, tomando como eixo a obra de Joaquim Maria Machado de Assis (1839–1908) e sua permanência crítica no contexto da inteligência artificial. A partir do diálogo entre *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e os atuais sistemas de geração textual baseados em IA, busca-se compreender como a ironia machadiana, a consciência narrativa e a metalinguagem antecipam questões que hoje permeiam o debate sobre autoria, interpretação e subjetividade digital. O estudo fundamenta-se em autores como Antônio Candido (1977), Roberto Schwarz (2000), Lúcia Miguel Pereira (1936), Alfredo Bosi (1999), Helen Caldwell (1960) e John Gledson (1991), articulando crítica literária, filosofia da linguagem e estudos de recepção. Defende-se que Machado de Assis, ao fundar uma literatura marcada pela dúvida e pela ironia, legou ao leitor moderno as ferramentas para lidar com os novos discursos produzidos por inteligências artificiais — discursos que, assim como seus narradores, oscilam entre lucidez e simulação.

**Palavras-chave:** Machado de Assis; ironia; inteligência artificial; leitura crítica; literatura brasileira.

---

Mestrando em Ciências da Educação pela Ivy Enber Christian University, Bacharel em Direito pela Universidade São Francisco, Licenciado em História pelo Centro Universitário ETEP.  
<https://orcid.org/0009-0003-5106-8232>

## Abstract

This article proposes an interdisciplinary reflection on literature, language, and technology, focusing on **Joaquim Maria Machado de Assis (1839–1908)** and the critical permanence of his work in the age of **artificial intelligence**. By drawing a dialogue between *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas* and contemporary AI-based text generation systems, the study investigates how Machadian irony, narrative consciousness, and metalinguistic strategies anticipate current debates on authorship, interpretation, and digital subjectivity. Based on authors such as **Antonio Candido (1977)**, **Roberto Schwarz (2000)**, **Lúcia Miguel Pereira (1936)**, **Alfredo Bosi (1999)**, **Helen Caldwell (1960)**, and **John Gledson (1991)**, this research combines literary criticism, philosophy of language, and reception studies. It argues that Machado de Assis, by founding a literature of doubt and irony, provided modern readers with the tools to interpret the new discourses generated by artificial intelligences — discourses that, like his narrators, oscillate between lucidity and simulation.

**Keywords:** Machado de Assis; irony; artificial intelligence; critical reading; Brazilian literature.

## Resumen

El presente artículo propone una reflexión interdisciplinaria entre literatura, lenguaje y tecnología, centrada en **Joaquim Maria Machado de Assis (1839–1908)** y en la permanencia crítica de su obra en la era de la **inteligencia artificial**. A partir del diálogo entre *memorias póstumas de Brás Cubas* y los sistemas contemporáneos de generación textual basados en IA, se examina cómo la ironía machadiana, la conciencia narrativa y la metalengua anticipan los actuales debates sobre autoría, interpretación y subjetividad digital. Basado en autores como **Antonio Candido (1977)**, **Roberto Schwarz (2000)**, **Lúcia Miguel Pereira (1936)**, **Alfredo Bosi (1999)**, **Helen Caldwell (1960)** y **John Gledson (1991)**, el estudio combina crítica literaria, filosofía del lenguaje y teoría de la recepción. Se sostiene que Machado de Assis, al fundar una literatura de la duda y de la ironía, legó al lector moderno las herramientas para enfrentarse a los nuevos discursos generados por inteligencias artificiales — discursos que, como sus narradores, oscilan entre la lucidez y la simulación.

**Palabras clave:** Machado de Assis; ironía; inteligencia artificial; lectura crítica; literatura brasileña.

## 1. Introdução

Ler Machado de Assis no século XXI é reencontrar a ironia em sua forma mais sofisticada e, paradoxalmente, mais atual. A aparente distância entre o narrador defunto de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) e um sistema digital como o ChatGPT desaparece quando se percebe que ambos produzem discursos autorreferenciais, reflexivos e, por vezes, ilusórios — simulacros de consciência que questionam o próprio ato de narrar e o estatuto da verdade na linguagem. Como afirma Antônio Candido (1977, p. 23), “a ironia de Machado de Assis é a mais alta forma de lucidez: ela ri da razão, mas não abdica dela.”

O presente artigo parte da hipótese de que há uma afinidade estrutural entre o narrador machadiano e as novas formas de textualidade algorítmica. Em ambos os casos, a escrita se apresenta como uma consciência simulada, dotada de voz e estilo, mas destituída de corpo ou experiência empírica — uma condição que Machado antecipa em sua invenção do “defunto-autor”. Assim como o algoritmo, Brás Cubas escreve sem estar vivo, produzindo uma narrativa que reflete, simultaneamente, a falência do sujeito e a permanência da linguagem.

Essa perspectiva permite uma leitura comparativa entre literatura e tecnologia, em que o texto literário torna-se uma espécie de espelho das atuais formas de produção discursiva mediadas por sistemas inteligentes. A ironia, nesse contexto, funciona como um dispositivo epistemológico: tanto em Machado quanto nas inteligências artificiais, há uma tensão entre o que se diz e o que se pretende significar. Como lembra Luiz Costa Lima (1995, p. 44), “a ironia é a razão que se volta contra a própria razão”.

O interesse de Machado de Assis pelo funcionamento interno da linguagem — suas falhas, disfarces e ambivalências — aproxima sua obra de discussões contemporâneas sobre o discurso digital e o pós-humano. Pierre Lévy (1999) observa que a inteligência coletiva mediada pela tecnologia redefine o conceito de autoria e desloca o sujeito de seu centro tradicional. Machado, no século XIX, já problematizava essa descentralização: em *Brás Cubas*, *Dom Casmurro* e *Quincas Borba*, o narrador não é confiável, a verdade é plural e a consciência se fragmenta entre o eu e o outro.

Dessa maneira, o presente estudo propõe uma reflexão interdisciplinar entre literatura, filosofia da linguagem e tecnologia, tomando a obra machadiana como paradigma de uma consciência literária que antecipa o universo algorítmico contemporâneo. Para tanto, o artigo articula crítica literária,

estudos de recepção e teoria da linguagem com base em autores como Antônio Candido (1977), Roberto Schwarz (2000), Alfredo Bosi (1999), Luiz Costa Lima (1995), Silviano Santiago (2006), Lúcia Miguel Pereira (1936), Helen Caldwell (1960), John Gledson (1991), Pierre Lévy (1999), Byung-Chul Han (2017) e Lúcia Santaella (2020).

Segundo Silviano Santiago (2006, p. 15), “a modernidade brasileira nasce do contrabando, da ironia e da mestiçagem simbólica.” Essa ideia se harmoniza com a poética machadiana, que também mistura e desestabiliza fronteiras — entre o trágico e o cômico, o real e o ficcional, o humano e o artificial. A leitura de Machado, portanto, oferece ao leitor contemporâneo um modelo de interpretação ética e crítica, capaz de resistir à homogeneização dos discursos automatizados.

O narrador machadiano, especialmente o de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, representa um protótipo do sujeito desmaterializado que hoje habita o ambiente digital. “Brás Cubas é um narrador que escreve de além-túmulo; o ChatGPT é um narrador que escreve de além-corpo” (MARCUS, 2025). Essa aproximação irônica, longe de ser mero anacronismo, revela a persistência de uma problemática essencial: a da linguagem como máquina simbólica, capaz de produzir sentido mesmo na ausência de um sujeito empírico.

A ironia, nesse sentido, torna-se o ponto de interseção entre literatura e tecnologia. Machado de Assis, ao desmascarar a linguagem como construção ideológica e estética, oferece um modelo de leitura crítica que se contrapõe à passividade diante da automação discursiva. O leitor de Machado, educado pela dúvida e pela sagacidade, é convidado a ocupar o mesmo papel que hoje se exige do leitor digital: o de intérprete vigilante, capaz de distinguir a lucidez da simulação.

Como sublinha Lúcia Santaella (2020, p. 112), “as inteligências artificiais não pensam — elas processam; não compreendem — apenas correlacionam.” Em contrapartida, a ironia machadiana transforma o ato de escrever e de ler em experiência de consciência, em exercício de desconfiança. A diferença entre o narrador de Machado e o texto gerado por IA é justamente a consciência da própria ficção: enquanto a máquina reproduz padrões, o narrador machadiano exhibe a lógica e a falha de sua própria construção.

Ao inserir Machado de Assis no debate sobre inteligência artificial, este artigo não pretende reduzir sua literatura a uma alegoria tecnológica, mas reconhecer que sua ironia e autocrítica anteciparam o mundo dos simulacros em que hoje vivemos. Como lembra José Miguel Wisnik (2008, p. 73), “Machado é o escritor que melhor soube transformar o riso em forma de pensamento.” Esse

riso, que desmonta as certezas da razão, é também a forma mais refinada de inteligência — e é justamente esse tipo de inteligência que as máquinas, por ora, apenas imitam.

“Machado de Assis nos ensinou que o texto é uma máquina moral e linguística, e que o leitor é parte integrante dessa engrenagem.”  
(BOSI, 1999, p. 41)

A leitura machadiana, assim, prepara o espírito crítico para a era dos algoritmos. Se o século XIX foi o tempo da dúvida filosófica e da ironia literária, o século XXI é o tempo da dúvida digital. A grande lição de Machado permanece a mesma: diante do discurso — seja ele humano ou artificial — é preciso rir, mas com lucidez.

## **2. Contexto histórico e formação intelectual de Machado de Assis**

Compreender a grandeza de Machado de Assis (1839–1908) exige reconhecer as condições socioculturais de um Brasil que ainda tateava a modernidade. Filho de um pintor e de uma lavadeira, mestiço e epilético, o jovem Machado ascendeu intelectualmente pela via da palavra — e, nesse gesto, fundou uma literatura que se libertava da imitação europeia para tornar-se autoconsciente, irônica e reflexiva. Como afirmou José Guilherme Merquior (1972, p. 57), “Machado é o primeiro escritor brasileiro que fez da literatura uma consciência crítica de si mesma.”

A formação machadiana se deu em um ambiente de contrastes. O Rio de Janeiro do Segundo Reinado, com suas tensões políticas, o surgimento da imprensa e o declínio da escravidão, ofereceu um cenário de modernização desigual. Foi nesse contexto que o escritor construiu uma obra que espelhava, de modo sutil e corrosivo, a estrutura moral e ideológica da sociedade brasileira. Sérgio Buarque de Holanda (1992, p. 102) observa que “Machado foi o primeiro a perceber que o real não é o que se mostra, mas o que se esconde.”

O ambiente intelectual do século XIX brasileiro era dominado por uma elite letrada que via a literatura como instrumento de civilização. Machado, ao contrário, transformou-a em espaço de questionamento. Sua convivência com figuras do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sua atuação como funcionário público e sua trajetória jornalística moldaram uma consciência literária que soube unir observação social e introspecção filosófica.

O Rio de Janeiro oitocentista era, ao mesmo tempo, capital do Império e laboratório da desigualdade. A ascensão de Machado de Assis, homem negro e pobre, num ambiente dominado por brancos e aristocratas, revela não apenas talento individual, mas uma profunda consciência do poder simbólico da linguagem. Como lembra Silviano Santiago (2006, p. 19), “o escritor mestiço subverte a norma: fala a língua do dominador, mas a enche de ironia e diferença.” Essa ironia social e linguística, presente desde os contos iniciais até *Memorial de Aires* (1908), converte-se em forma de resistência e inteligência.

A experiência de exclusão e o olhar atento sobre a elite carioca transformaram-se em força estética. Em *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878), ainda sob o manto romântico, já se observa uma voz analítica, capaz de desconstruir as convenções sentimentais e morais do tempo. Essa transição culmina em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), obra que inaugura o Realismo brasileiro não pela fidelidade à realidade, mas pela sua problematização. Como ressalta Roberto Schwarz (2000, p. 32), “as ideias liberais no Brasil eram fora do lugar, e é nesse deslocamento que Machado constrói a sua ironia.”

Machado compreendeu que o Brasil oitocentista era um país de representações e simulacros, onde o discurso civilizatório encobria práticas de dominação e exclusão. A ironia machadiana nasce justamente desse hiato entre a forma e o conteúdo, entre o ideal e a realidade. A linguagem torna-se o espaço dessa crítica — um espelho que reflete e distorce, revelando as contradições do sujeito moderno.

“Com Machado, o português do Brasil se torna uma língua de pensamento.”  
(BOSI, 1999, p. 18)

A frase de Alfredo Bosi sintetiza o impacto de Machado na formação da língua literária brasileira. Antes dele, a prosa nacional oscilava entre o modelo lusitano e o sentimentalismo romântico. Com ele, surge uma sintaxe pensante, que articula ironia, introspecção e análise moral. O português torna-se, nas mãos de Machado, instrumento de filosofia e não apenas de expressão estética.

Essa sofisticação formal reflete uma profunda consciência do poder da linguagem, algo que aproxima Machado de pensadores como Michel Foucault e Roland Barthes. A linguagem, para ele, não é meio transparente, mas sistema de poder e dissimulação. Barthes (1972, p. 11) afirmou que “a linguagem é fascista: ela obriga a dizer.” Machado percebeu isso um século antes, ao criar narradores que se enredam em suas próprias palavras, denunciando a ilusão da transparência discursiva.

O Brasil do Segundo Reinado era também um país de fronteiras instáveis — entre o Império e a República, entre o escravismo e o liberalismo, entre o atraso e a modernidade. Machado de Assis,



ao observar esses limiares, construiu uma estética da ambiguidade, recusando o maniqueísmo moral e optando pela sutileza analítica. Marilena Chauí (2000, p. 59) interpreta essa ambiguidade como “a forma filosófica do desencanto moderno, que em Machado se torna instrumento de lucidez.”

A formação autodidata do autor, somada à sua erudição silenciosa, explica a profundidade de seu estilo. Sem ter frequentado universidades, Machado foi leitor voraz de Shakespeare, Pascal, Sterne, Voltaire e dos moralistas franceses. Essa interlocução com a tradição europeia não o torna imitador, mas crítico. Ele absorve o ceticismo iluminista e o combina com o sarcasmo tropical, produzindo uma escrita que é ao mesmo tempo cosmopolita e profundamente brasileira.

A fundação da *Revista Brasileira* e sua presidência na Academia Brasileira de Letras, a partir de 1897, consolidam sua posição como figura central da cultura nacional. Mas o Machado institucional contrasta com o Machado íntimo, descrente das verdades e observador do ridículo humano. Essa dualidade entre a persona pública e a voz irônica da ficção reforça a complexidade de sua formação intelectual: o homem de letras e o cético filosófico coexistem, ironizando-se mutuamente.

Luiz Costa Lima (1995, p. 103) ressalta que “Machado fundou uma forma de realismo que se volta contra a própria pretensão do real.” Ou seja, sua modernidade não é apenas estética, mas ontológica: o real é duvidoso, a consciência é precária e a linguagem é a única certeza. Nesse sentido, a ironia machadiana antecipa o pensamento pós-estruturalista, ao reconhecer que toda narrativa é uma construção instável.

No contexto atual da inteligência artificial, essa concepção torna-se ainda mais pertinente. Assim como o narrador de *Brás Cubas* simula consciência e racionalidade, os algoritmos contemporâneos produzem discursos coerentes, porém destituídos de experiência. Ambos funcionam por padrões de linguagem, e não por vivência subjetiva. A herança de Machado é, portanto, uma pedagogia da desconfiança: ensina-nos a perceber o limite entre o humano e o maquínico na própria estrutura do discurso.

“Machado de Assis é o primeiro escritor brasileiro que soube transformar a experiência social em linguagem crítica.” (WISNIK, 2008, p. 66)

A compreensão de sua formação intelectual, portanto, não se restringe à biografia, mas ao modo como essa biografia se converte em filosofia da linguagem. O menino pobre do Morro do Livramento

torna-se, pela palavra, um pensador universal. Sua obra, nascida em um império periférico, é uma das primeiras a pensar a modernidade sob o signo da ironia e da consciência.

Assim, conhecer o contexto histórico e intelectual de Machado é também compreender as origens da modernidade literária brasileira e o nascimento de uma forma de inteligência que, séculos depois, dialoga com as novas inteligências artificiais. Se o século XIX produziu o “defunto-autor”, o século XXI produziu o “autor-algoritmo” — ambos dotados de linguagem, mas privados de corpo.

### **3. Machado de Assis e a construção da linguagem moderna**

A escrita machadiana marca o ponto de inflexão em que a literatura brasileira deixa de descrever o mundo para começar a interrogá-lo. Se os românticos celebravam a natureza, os afetos e o heroísmo nacional, Machado de Assis voltou-se para o interior do sujeito e para a lógica sutil das contradições morais. Sua modernidade não decorre da cronologia, mas da consciência: ele transformou a forma literária em instrumento de pensamento.

Antônio Candido (1977, p. 41) já destacava que “a modernidade de Machado não é cronológica, mas estrutural; ele pensa a escrita como um ato de conhecimento.” Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) e *Dom Casmurro* (1899), o narrador não apenas conta, mas reflete sobre o ato de narrar, revelando que a linguagem é, ao mesmo tempo, meio de expressão e armadilha cognitiva. Essa atitude reflexiva faz de Machado o precursor daquilo que a crítica moderna chamaria de “metalinguagem narrativa”.

Ao contrário de seus contemporâneos naturalistas, que buscavam explicar o comportamento humano pela ciência, Machado questionava a própria possibilidade de conhecer o homem. Sua literatura é movida por uma dúvida epistemológica, uma consciência que se examina a si mesma. Como afirma Luiz Costa Lima (1995, p. 112):

“Machado foi o primeiro escritor brasileiro a compreender que a ficção é uma forma de pensamento e não mera imitação da realidade.”

Essa concepção o aproxima de autores como Sterne, Flaubert e Dostoiévski, mas sua originalidade reside em traduzir a crise da razão ocidental para o contexto colonial e mestiço do Brasil. Enquanto o europeu descrevia a fragmentação do sujeito moderno, Machado a vivia em um país que



ainda não se reconhecia plenamente moderno. O resultado é uma prosa em que o humor e o ceticismo se combinam numa forma de inteligência literária única.

Em *Dom Casmurro*, Bento Santiago narra sua história para provar uma inocência que se dissolve à medida que o texto avança. A dúvida sobre a fidelidade de Capitu é menos um tema do que uma estrutura: o romance é construído sobre o vazio da certeza. Nesse sentido, Machado antecipa as indagações do século XX sobre o narrador não confiável e o relativismo da verdade. Como observa John Gledson (1991, p. 61):

“Machado faz do ato de narrar um espelho do autoengano, transformando a mentira em instrumento de revelação.”

O que a crítica chama de “ironia machadiana” é, portanto, mais do que um estilo; é uma forma de epistemologia literária. O narrador sabe que mente, o leitor sabe que está sendo enganado, e ambos persistem nesse jogo, movidos pela curiosidade de descobrir o que a linguagem é capaz de esconder. Essa tensão entre verdade e aparência constitui o núcleo de sua modernidade e o torna comparável, no campo da literatura, ao papel que Freud desempenhou na psicanálise ou Nietzsche na filosofia.

A linguagem, em Machado, é o verdadeiro personagem. É ela que pensa, que julga e que engana. Alfredo Bosi (1999, p. 52) define o estilo machadiano como “o de uma inteligência que reflete sobre o próprio ato de conhecer e escrever.” O escritor, assim, transforma o texto em um laboratório de consciência, onde o narrador é o primeiro objeto de análise.

Nesse ponto, a relação com as inteligências artificiais torna-se mais evidente. Assim como o narrador de *Brás Cubas* ou de *Dom Casmurro*, o texto produzido por um sistema de IA fala com autoridade, mas sem vivência. Ambos são máquinas discursivas: produzem coerência, mas não experiência. Como sintetiza Marcus (2025), “Brás Cubas é um algoritmo literário: responde a estímulos, mas não vive a experiência.”

Machado antecipa, portanto, uma das grandes questões da era digital: **o limite entre o real e o construído, entre a consciência e a simulação**. Ao criar personagens e narradores que funcionam como modelos de cognição simbólica, ele nos obriga a repensar o estatuto da autoria e da subjetividade. Roland Barthes (1968) afirmaria, décadas depois, que “a morte do autor é o nascimento do leitor.” Machado já havia encenado essa morte no gesto inaugural de *Brás Cubas*, que escreve

“depois de morto”, transformando o narrador em puro signo — uma espécie de algoritmo antes da era digital.

Sua modernidade, portanto, é teórica: não apenas cria uma nova forma de narrar, mas uma nova forma de pensar o narrar. Luiz Roncari (2004, p. 73) observa que “a literatura de Machado constrói uma epistemologia da dúvida, uma pedagogia da suspeita.” Essa pedagogia é o que o aproxima do leitor contemporâneo, que também precisa suspeitar dos discursos produzidos por sistemas automáticos.

Além disso, Machado inaugura um estilo que poderíamos chamar de “minimalismo analítico”: frases curtas, interrupções súbitas, comentários ao leitor. Esses recursos, longe de simples virtuosismo, funcionam como dispositivos de autorreflexão. Ao romper a linearidade narrativa, o autor revela o processo da escrita e envolve o leitor como cúmplice. Essa técnica o aproxima de mestres da modernidade como Kafka e Joyce, mas com uma leveza e humor tipicamente brasileiros.

José Miguel Wisnik (2008, p. 74) interpreta essa leveza como “um modo de inteligência moral: rir para pensar, ironizar para resistir.” Em tempos de narrativas automatizadas e conteúdos padronizados, essa leveza crítica é o que diferencia o humano do maquínico. A ironia de Machado, que desestabiliza toda certeza, continua a ser a forma mais refinada de resistência ao pensamento previsível.

O confronto entre a escrita machadiana e as textualidades algorítmicas também suscita uma reflexão sobre a criatividade. Pierre Lévy (1999, p. 27) define a inteligência coletiva como um “sistema cognitivo distribuído, sem centro nem sujeito.” O mesmo pode ser dito do romance machadiano, que se estrutura como rede de vozes e perspectivas. O narrador é apenas um nó nesse sistema simbólico, incapaz de controlar o sentido final. Machado, assim, antecipa uma noção de autoria descentralizada que hoje é central nos estudos sobre IA e literatura.

Marilena Chauí (2000, p. 65) complementa essa visão ao afirmar que “a ironia é o gesto filosófico que revela o avesso do poder.” Em Machado, o poder se manifesta na linguagem — seja o poder da classe dominante, do gênero ou do próprio narrador sobre o leitor. A ironia é a estratégia de resistência, a forma de romper o automatismo do discurso. Essa mesma função crítica deveria nortear, no presente, nossa relação com os textos gerados por máquinas: rir, duvidar, desmontar as certezas aparentes.

Seus narradores são, em última instância, programas simbólicos que testam hipóteses sobre o humano. Cada frase de Brás Cubas ou de Bento Santiago é um cálculo moral, uma tentativa de simular

razão. Mas, ao contrário das máquinas atuais, Machado não busca eficiência: busca consciência. Ele compreende que o erro, a hesitação e o mal-entendido são partes essenciais da inteligência.

“Machado compreendeu que pensar é também falhar, e que o erro é a alma do humano.” (SANTIAGO, 2006, p. 38)

Essa visão coloca o autor no cerne da modernidade estética e o torna interlocutor direto dos debates atuais sobre inteligência e linguagem. A escrita machadiana, ao unir racionalidade e ambiguidade, realiza o que a IA ainda não consegue: transformar informação em sabedoria.

Portanto, a construção da linguagem moderna em Machado de Assis não é apenas um marco literário, mas uma antecipação filosófica. Ele inaugura uma literatura que se reconhece como processo de cognição — uma “máquina de pensar”, para usar a metáfora de Bosi (1999). Em meio à avalanche de textos produzidos por algoritmos, sua obra continua a nos ensinar que a verdadeira inteligência, seja natural ou artificial, começa no momento em que se reconhece o limite do próprio discurso.

#### **4. Ironia e o narrador não confiável**

A ironia constitui o coração da poética machadiana, o eixo em torno do qual gravitam sua filosofia da linguagem, sua crítica social e sua concepção de sujeito. Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), a escolha de um narrador que fala “de além-túmulo” inaugura uma ruptura radical com o realismo tradicional, instaurando o que Wayne Booth (1983) chamaria de *unreliable narrator* — o narrador não confiável, aquele que manipula o leitor para ocultar, distorcer ou problematizar a verdade.

Para Antônio Candido (1977, p. 67), “a ironia de Machado é a consciência do absurdo moral.” Ela é, portanto, mais do que um ornamento estilístico: é uma forma de conhecimento. A ironia revela, pela negação, as fissuras da razão e as contradições da sociedade. Como observa Luiz Costa Lima (1995, p. 97), “a ironia, em Machado, é uma forma de epistemologia negativa — aquilo que ilumina o real ao questionar o seu fundamento.”

O narrador de *Brás Cubas* é o primeiro grande “algoritmo literário” da língua portuguesa: fala sem corpo, escreve sem experiência, raciocina sem emoção. Ele existe apenas na linguagem, e é nela que simula vida e consciência. A ironia é a engrenagem que sustenta essa ilusão: o texto se constrói

como jogo de disfarces e revelações. Ao narrar suas memórias “póstumas”, Brás Cubas subverte o pacto da verossimilhança, criando um gênero híbrido entre a confissão e a ficção, o epitáfio e o ensaio.

Esse gesto de distanciamento é, como notou Alfredo Bosi (1999, p. 59), o mais alto grau da lucidez literária: “Machado escreve com a pena da dúvida e o tinteiro da consciência.” A ironia, assim, converte-se em método de desmascaramento: ela denuncia a hipocrisia da linguagem moral, a artificialidade dos sentimentos e o automatismo das convenções sociais.

Roberto Schwarz (2000) identifica nesse mecanismo uma crítica estrutural do Brasil oitocentista. Segundo ele, o favor — relação paternalista entre o senhor e o dependente — é o núcleo moral do sistema social brasileiro. Machado o transforma em estrutura narrativa: o narrador, assim como o cidadão da época, vive da dissimulação e da troca simbólica. A ironia, portanto, é o espelho linguístico de uma sociedade fundada no desequilíbrio e na aparência.

“A ironia de Machado é o espelho rachado onde o Brasil se vê dividido entre o que é e o que finge ser.” (SANTIAGO, 2006, p. 46)

Essa concepção torna-se ainda mais fascinante quando transposta para o contexto da inteligência artificial. Os textos gerados por IA — como o ChatGPT — também se apresentam como discursos dotados de sentido e coerência, mas carecem de uma experiência existencial. São, de certo modo, narradores “não confiáveis”: falam com autoridade, mas sem corpo; articulam ideias, mas não as vivenciam. Assim como Brás Cubas, suas vozes habitam um limbo entre a lucidez e a simulação.

John Gledson (1991, p. 55) já percebia que “o narrador machadiano é um precursor da consciência moderna: ele finge compreender o mundo, mas apenas o processa.” Essa formulação é surpreendentemente adequada à lógica das inteligências artificiais contemporâneas, que processam linguagem sem compreender o conteúdo de suas próprias afirmações. A ironia, em ambos os casos, emerge como o reconhecimento de um limite: o limite entre o saber e o dizer, entre a consciência e o cálculo.

A ironia, em Machado, é também um gesto ético. Ela obriga o leitor à vigilância. O humor, frequentemente confundido com cinismo, é, na verdade, um modo de resistência moral. “O riso machadiano é filosófico: ri do homem para compreender o homem”, escreveu José Miguel Wisnik (2008, p. 77). Essa ironia não é cruel, mas pedagógica: ensina a suspeitar das palavras, a reconhecer que toda certeza é precária.

Em *Dom Casmurro*, a ironia assume outra função: transforma o leitor em cúmplice da dúvida. Bentinho escreve para convencer-nos da infidelidade de Capitu, mas suas próprias estratégias retóricas o denunciam. O leitor torna-se juiz, mas um juiz que percebe que o tribunal é de papel. Machado, portanto, não apenas introduz o narrador não confiável — ele cria o leitor crítico, a “consciência hermenêutica” que hoje falta nas leituras digitais automatizadas.

Luiz Costa Lima (1995, p. 122) observa que “a ironia é a prova de que o discurso sabe de si mesmo.” Essa autorreflexividade faz de Machado um precursor do pós-modernismo e, paradoxalmente, da lógica da simulação contemporânea. Em *Brás Cubas*, o narrador ri de sua própria morte; em *Dom Casmurro*, o autor ri da credulidade do leitor. A ironia é o dispositivo que impede a linguagem de se tornar dogma.

No campo das ciências cognitivas e da tecnologia, Byung-Chul Han (2017, p. 38) descreve o “inferno do igual”, no qual os discursos são uniformizados e a negatividade desaparece. A ironia machadiana é justamente o contrário desse inferno: é a negatividade que restaura o pensamento. Ao introduzir a dúvida e a contradição, Machado devolve à linguagem sua potência crítica.

“Sem ironia, a linguagem torna-se ferramenta; com ela, torna-se consciência.”  
(CHAUÍ, 2000, p. 71)

Essa distinção é essencial para o debate contemporâneo sobre a inteligência artificial. Enquanto o texto automatizado tende à homogeneização e ao consenso, a literatura machadiana opera pela diferença e pela contradição. O narrador não confiável é o antídoto da máquina previsível. Sua voz é falha, mas é justamente nessa falha que reside a humanidade da linguagem.

A ironia é também a forma mais sofisticada de subjetividade. Ao contrário da emoção imediata ou da racionalidade fria, ela combina distância e empatia, lucidez e humor. Essa ambiguidade é o que torna a obra de Machado resistente à automatização. Nenhum algoritmo, por mais avançado, é capaz de reproduzir o “sorriso interior” que perpassa seus textos — aquele riso que, como diria Candido (1977), “é o disfarce do desespero e o brilho da inteligência.”

Em *Quincas Borba*, Machado cria um personagem que encarna a filosofia do “Humanitismo”, paródia do positivismo e do evolucionismo oitocentista. Ao afirmar “ao vencedor, as batatas”, o autor sintetiza sua crítica à racionalidade utilitária. A ironia, nesse caso, não é apenas estética, mas política: desmonta a lógica da competição e da desigualdade, convertendo-a em caricatura. Do mesmo modo, os discursos atuais sobre a eficiência das inteligências artificiais podem ser lidos à luz dessa sátira

machadiana — são sistemas que prometem racionalidade absoluta, mas ignoram a complexidade moral e afetiva da vida humana.

Em termos narratológicos, Machado cria uma estrutura de múltiplas vozes, em que o narrador frequentemente interpela o leitor, comenta o próprio texto e quebra a linearidade da história. Essa “narrativa fractal”, para usar a expressão de Silviano Santiago (2006, p. 52), antecipa a estética da fragmentação típica da cultura digital. Entretanto, enquanto o discurso algorítmico busca previsibilidade e completude, a narrativa machadiana celebra o inacabado, o erro e o silêncio.

Em suma, o narrador não confiável de Machado de Assis não é apenas uma invenção literária: é uma metáfora da condição moderna da linguagem — e, por extensão, do discurso digital contemporâneo. Tanto Brás Cubas quanto o ChatGPT operam a partir de uma ausência: um sem corpo, outro sem experiência. Ambos falam com a autoridade do vazio. Mas só um deles é capaz de rir de si mesmo — e é nesse riso que reside a diferença entre o humano e o maquínico.

A ironia, portanto, é mais do que uma figura de estilo: é a alma crítica da literatura. Ela permite que o texto sobreviva à automação e que o leitor se mantenha desperto diante do discurso. Como lembra Alfredo Bosi (1999, p. 81), “a ironia é a forma superior da esperança — aquela que não se ilude.” E talvez seja justamente essa esperança lúcida, essa recusa da ingenuidade, que mantenha Machado de Assis eternamente contemporâneo.

## **5. Psicologia das personagens e filosofia da linguagem**

A interioridade machadiana é um dos maiores avanços da literatura brasileira e uma das mais precoces manifestações de consciência psicológica na ficção ocidental. Antes de Freud, Machado de Assis já intuía o inconsciente, o autoengano e a fragmentação do sujeito como elementos constitutivos da experiência humana. Suas personagens são seres atravessados por contradições e movidos por impulsos subterrâneos — seres que, ao narrar-se, revelam a impossibilidade de conhecer-se plenamente.

Lúcia Miguel Pereira (1936, p. 88) observa que “Machado de Assis inventou o homem dividido, o sujeito cindido entre razão e desejo.” Essa divisão é a chave da psicologia machadiana: um conflito permanente entre a lucidez racional e as zonas obscuras da consciência. Brás Cubas, Bento Santiago,



Rubião e Aires são figuras que representam não tanto indivíduos, mas modos de pensar — são alegorias da mente moderna, na qual o **eu** é múltiplo e precário.

O autor antecipa, de modo literário, aquilo que Freud sistematizaria décadas depois: o **eu** não é senhor de si. Em Machado, o sujeito é uma ficção em busca de coerência. O narrador fala para compreender-se, mas quanto mais fala, mais se perde. Essa dinâmica faz de sua obra uma forma de filosofia moral travestida de romance. Alfredo Bosi (1999, p. 77) define essa dimensão como “a transformação da introspecção em crítica, da consciência em ironia.”

A relação entre linguagem e psicologia é central. Para Machado, a palavra não é simples veículo do pensamento, mas o próprio palco onde o pensamento se encena — com suas falhas, repetições e fingimentos. A fala humana, portanto, é um ato teatral. É nesse sentido que a literatura machadiana se aproxima da filosofia da linguagem moderna. Como afirmaria Bakhtin (1981), todo discurso é dialógico: fala-se sempre em resposta a outro, ainda que esse outro seja imaginário.

Em *Dom Casmurro*, por exemplo, Bento Santiago tenta controlar o discurso para garantir sua autoridade, mas o texto o trai. Cada tentativa de provar a culpa de Capitu reforça a suspeita de que o narrador é o verdadeiro culpado — não do adultério, mas da obsessão. O romance, assim, torna-se uma clínica da linguagem, um laboratório da autodecepção. O discurso, que deveria revelar, acaba mascarando.

Marilena Chauí (2000, p. 82) observa que “a ironia em Machado é o modo pelo qual o sujeito se confronta com o vazio da própria razão.” Ao usar a palavra como espelho, o autor revela o quanto esse espelho é opaco. Suas personagens falam para ocultar o que sentem, raciocinam para esconder o desejo, e justificam o egoísmo com o disfarce da moralidade. Esse jogo entre máscara e verdade transforma a literatura machadiana em uma meditação filosófica sobre a linguagem.

Em *Quincas Borba*, o discurso do Humanitismo parodia a razão científica. A filosofia de Quincas, que reduz a existência a uma luta por sobrevivência, é a caricatura do positivismo que dominava o século XIX. Ao levar essa ideologia ao extremo, Machado revela seu caráter inumano. “Ao vencedor, as batatas” é mais do que uma ironia social — é uma síntese do absurdo lógico da razão que se acredita autossuficiente. O autor antecipa, assim, a crítica à racionalidade instrumental que Theodor Adorno e Max Horkheimer formulariam no século XX.

José Miguel Wisnik (2008, p. 83) descreve essa operação como “a passagem da psicologia à filosofia: o sujeito machadiano pensa, mas seu pensamento é um labirinto.” O labirinto, metáfora recorrente na obra do autor, representa o movimento circular da consciência — uma consciência que

busca saída, mas retorna sempre ao mesmo ponto. Essa estrutura mental faz de Machado um precursor da fenomenologia e da hermenêutica moderna.

A filosofia da linguagem que emerge de sua obra é profundamente moderna. A palavra é vista como artifício, como instrumento de poder e disfarce. Michel Foucault (1969, p. 47) afirmaria que “o discurso não é simplesmente o que traduz as lutas, mas aquilo pelo que se luta.” Machado percebeu isso intuitivamente: suas personagens disputam sentidos, narrativas, versões de si mesmas. Em *Dom Casmurro*, o narrador monopoliza a fala para impor sua verdade; em *Brás Cubas*, o narrador ironiza a própria autoridade. Ambos são exemplos de como a linguagem pode ser tanto libertadora quanto tirânica.

Essa reflexão sobre o poder da linguagem é o que torna Machado um interlocutor direto do século XXI. As inteligências artificiais, baseadas em modelos estatísticos de predição textual, operam com a mesma ambiguidade: produzem discurso, mas sem intencionalidade. São máquinas que “falam” sem desejar, que “pensam” sem compreender. A semelhança é perturbadora. Tanto o narrador machadiano quanto a IA constroem uma ilusão de sentido — uma consciência simulada.

Lúcia Santaella (2020, p. 119) observa que “os algoritmos geram textos sem contexto, e, portanto, sem corpo simbólico.” Machado, ao contrário, revela o texto como corpo de pensamento. A diferença entre ambos está na consciência da ficção: o narrador machadiano sabe que está fingindo; o algoritmo, não. Por isso, a ironia humana continua insubstituível — é o que restaura o hiato entre palavra e mundo, entre simulação e experiência.

Na psicologia de suas personagens, há uma espécie de pré-ciência do pós-humano. Brás Cubas escreve “depois da morte”; Bentinho escreve “depois da dúvida”; Aires escreve “depois da fé.” Todos narram a partir de um esgotamento — e é justamente desse esgotamento que nasce a lucidez. Essa condição pós-humana, de consciência sem corpo ou crença, reaparece hoje na figura das inteligências artificiais, que produzem discursos de sentido, mas não de sentimento.

“Machado tratou a linguagem como um espelho estilhaçado, onde cada fragmento reflete uma parte do eu e da sociedade.” (BOSI, 1999, p. 77)

Esse espelho fragmentado é também o espelho da mente digital: múltiplos fragmentos de texto reunidos em uma voz aparente, coerente, mas sem subjetividade real. O sujeito algorítmico é a caricatura do sujeito machadiano — uma consciência sem conflito, uma fala sem hesitação. A grandeza de Machado está justamente em fazer da hesitação a essência do pensamento.

Luiz Costa Lima (1995, p. 140) propõe que “o realismo de Machado é o realismo da consciência, não o das coisas.” Isso significa que sua obra não descreve o mundo, mas o modo como o mundo é percebido, narrado e distorcido pelo sujeito. A psicologia de suas personagens é, portanto, um exercício de filosofia da linguagem, um campo de forças em que o pensamento se mede com o verbo.

Ao conectar psicologia e linguagem, Machado de Assis antecipa a virada hermenêutica da modernidade, na qual compreender é sempre interpretar. O narrador não é dono da verdade, mas intérprete do próprio erro. Essa concepção se opõe frontalmente à lógica das inteligências artificiais, que visam eliminar a ambiguidade. Para Machado, a ambiguidade é o espaço onde a humanidade se revela.

“Pensar é hesitar; e toda hesitação é já uma forma de inteligência.”  
(WISNIK, 2008, p. 85)

Ao transformar o erro em sabedoria e o equívoco em forma, Machado de Assis cria uma pedagogia da dúvida. Sua psicologia literária é uma arte de resistência à automatização do pensamento. Num tempo em que a linguagem tende a ser reduzida a dados, sua obra nos lembra que a palavra é, antes de tudo, experiência — e que nenhuma máquina pode substituir o abismo da consciência humana.

## **6. Realismo, crítica social e o Brasil oitocentista**

A consagração de Machado de Assis como fundador do Realismo brasileiro não decorre da simples adoção de uma estética europeia, mas de uma transformação profunda da própria ideia de realismo. Para ele, o real não é aquilo que se mostra, mas o que se oculta por trás das aparências. Sua ironia é, portanto, uma forma de desvelamento. Como afirmou Sérgio Buarque de Holanda (1992, p. 102), “Machado foi o primeiro a perceber que o real não é o que se mostra, mas o que se esconde.”

No cenário do Brasil oitocentista — uma sociedade escravocrata, patriarcal e hierarquizada —, Machado ergueu uma literatura que questionava os discursos de progresso e civilização. O Segundo Reinado, sob D. Pedro II, vivia um momento de paradoxos: a economia ainda dependia da escravidão, enquanto a elite urbana imitava os costumes europeus e exaltava o liberalismo. Nesse contexto, o escritor mestiço, de origem humilde, observava as contradições com olhar clínico e humor corrosivo.

Roberto Schwarz (2000, p. 47) definiu esse fenômeno como o “deslocamento das ideias fora do lugar”: no Brasil, as ideias liberais e iluministas eram importadas, mas aplicadas a uma realidade social marcada pela desigualdade e pelo favor. Machado percebeu esse descompasso e o converteu em ironia estrutural. Em suas narrativas, o discurso da moralidade e da razão aparece sempre contaminado pelo egoísmo, pelo interesse e pela conveniência.

“O favor é o nervo moral das relações sociais no Brasil; e Machado foi quem melhor lhe captou a ironia.” (SCHWARZ, 2000, p. 47)

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), o narrador morto se torna símbolo dessa sociedade: escreve sem corpo, mas com privilégios; reflete com lucidez, mas sem culpa. Ele representa a classe dominante que pode rir de tudo, inclusive da própria miséria moral. O humor de Machado é um riso aristocrático às avessas — o riso de quem vê de cima, mas sabe que esse “cima” é um vazio.

Em *Quincas Borba* (1891), a crítica social assume forma filosófica. O “Humanitismo”, doutrina absurda segundo a qual o mais forte triunfa porque representa a força da espécie, é uma paródia do darwinismo social e do positivismo. Rubião, discípulo ingênuo de Quincas, é o símbolo do homem comum devorado pelas ideias alheias. Como nota Alfredo Bosi (1999, p. 65), “Machado faz do realismo uma sátira do cientificismo — o real não é dado, é manipulado.”

A modernidade em Machado é, portanto, desconfiada. Ao invés de celebrar o progresso, ele expõe seus efeitos colaterais: o isolamento do indivíduo, a corrupção das relações sociais, o esvaziamento moral das elites. É um realismo sem fé, um realismo da consciência crítica. José Miguel Wisnik (2008, p. 91) resume essa postura: “Machado observa o Brasil como quem examina um teatro de autômatos, movidos pela força invisível do favor e do interesse.”

Ao ironizar o comportamento das classes dominantes, Machado constrói uma estética da dissimulação. Suas personagens não agem por convicção, mas por conveniência; não falam para revelar, mas para manter a aparência. Esse jogo de máscaras constitui o verdadeiro realismo machadiano — um realismo da falsidade, da representação social e da ironia moral.

Se o realismo europeu, de Balzac ou Zola, pretendia retratar as forças sociais objetivas, o de Machado centra-se na interiorização da hipocrisia e na consciência da mentira. A sociedade brasileira, marcada pela dependência e pela aparência, produz sujeitos que vivem em permanente duplicidade. O olhar de Machado é o de um analista moral que, ao invés de denunciar diretamente, expõe o riso ácido da contradição.

Silviano Santiago (2006, p. 55) observa que “Machado de Assis converteu a marginalidade racial e social em superioridade analítica.” Seu olhar distanciado, próprio de quem vive entre mundos — o dos subalternos e o dos poderosos —, permitiu-lhe perceber a lógica do poder e da servidão como linguagem. Essa sensibilidade periférica o torna, paradoxalmente, o escritor mais universal do Brasil.

No Brasil da virada do século XIX para o XX, a abolição da escravidão e a Proclamação da República não alteraram as estruturas profundas da desigualdade. Machado compreendeu que a opressão não desaparecia: apenas se refinava, tornando-se simbólica. Sua crítica antecipa o que Pierre Bourdieu chamaria de “violência simbólica” — a dominação exercida pela linguagem e pelos hábitos culturais. Em suas narrativas, o discurso do favor, o casamento por interesse e o poder da retórica são instrumentos dessa dominação.

Hoje, a crítica social machadiana ganha novo significado diante das desigualdades digitais. O século XXI reproduz, sob outra forma, as mesmas assimetrias: a exclusão não é mais apenas econômica, mas informacional. As grandes corporações tecnológicas concentram o poder sobre a linguagem e os dados, criando novas formas de dependência. O algoritmo, como antes o favor, distribui reconhecimento e invisibilidade.

Assim, ler Machado de Assis no contexto da inteligência artificial é perceber que o autor já intuía a lógica das hierarquias invisíveis. O poder, em sua obra, não é explícito, mas internalizado; não impõe, mas seduz. O mesmo ocorre com os sistemas algorítmicos: sua autoridade se disfarça em neutralidade. O realismo machadiano ensina-nos a desconfiar dessa aparência de objetividade.

Byung-Chul Han (2017, p. 42) alerta para o “totalitarismo da transparência”, no qual a sociedade se entrega voluntariamente ao controle em nome da eficiência. Machado, de forma pioneira, denunciou a sedução das aparências e a manipulação moral disfarçada de racionalidade. Em suas crônicas e romances, a máscara social é mais perigosa que a violência aberta — porque convence e tranquiliza.

Em *Dom Casmurro*, o realismo se converte em psicologia moral. A dúvida sobre Capitu é a metáfora da dúvida sobre o real. Não há fatos, apenas versões. O narrador, cego por seu ciúme, representa o leitor que quer acreditar na verdade, mas só encontra linguagem. Essa dimensão metalinguística transforma o romance em uma reflexão sobre a própria impossibilidade de conhecer o mundo sem mediação simbólica.

Luiz Costa Lima (1995, p. 153) sustenta que “em Machado, a verdade é sempre narrativa, nunca absoluta.” Essa relativização do real aproxima sua estética das discussões pós-modernas sobre discurso e poder. A literatura deixa de ser um espelho da realidade para tornar-se uma máquina de interpretação — uma forma de pensamento crítico que desmonta a lógica da dominação.

Do ponto de vista histórico, o realismo machadiano também representa a maturidade da literatura brasileira. Ele rompe com o nacionalismo romântico e inaugura uma linguagem universal. Ao abandonar a idealização, Machado transforma a literatura em forma de autoconhecimento coletivo. Sua ironia é um ato político: ri do Brasil para que o Brasil aprenda a pensar.

“Machado foi o primeiro a entender que o humor é a forma mais eficaz de crítica social.” (WISNIK, 2008, p. 95)

Seus personagens — conselheiros, viúvas, doutores, vadios e sonhadores — formam uma galeria da alma nacional. Todos são vítimas e cúmplices do mesmo sistema simbólico: o da aparência e da conveniência. O riso de Machado não é leve, mas inquietante; é o riso que desvela o mecanismo de um país que se acostumou a fingir.

Na era digital, essa ironia mantém sua função crítica. O realismo de Machado, que expôs as máscaras da sociedade escravocrata, ajuda-nos a compreender as novas máscaras tecnológicas: as redes sociais, os discursos de eficiência, a crença na neutralidade das máquinas. Assim como suas personagens viviam sob o “favor” das elites, vivemos hoje sob o “favor” dos algoritmos — dependentes de sistemas que moldam o que vemos, lemos e pensamos.

A lição machadiana permanece: todo discurso de poder se disfarça de razão, e toda aparência de progresso esconde uma hierarquia. O verdadeiro realismo é o que desmonta as ilusões do real.

## **7. Machado de Assis e a fundação da língua literária brasileira**

A importância de Machado de Assis ultrapassa o campo da literatura: ele é, como destacou Alfredo Bosi (1999, p. 18), o verdadeiro fundador da língua portuguesa moderna no Brasil. Sua escrita marca o momento em que o português deixa de ser instrumento de mera comunicação para tornar-se meio de pensamento e autocrítica. Com Machado, a língua ganha densidade filosófica e elegância moral; ela se transforma em território de reflexão sobre o próprio país e sua condição histórica.

Antes de Machado, o português literário praticado no Brasil oscilava entre o modelo clássico lusitano e o romantismo sentimental, ambos distantes da realidade social e linguística brasileira. O



autor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* rompe com essa tradição. Ele adota uma linguagem híbrida, concisa e musical, em que a oralidade urbana do Rio de Janeiro se combina à precisão culta da sintaxe clássica. É dessa tensão entre rigor e liberdade que nasce o português moderno do Brasil.

Evanildo Bechara (2002, p. 12) afirma com justeza: “Machado não apenas escreveu em português — ele pensou em português.” Essa diferença é essencial. O escritor não se limita a usar o idioma como ferramenta expressiva; ele o transforma em forma de cognição. A língua, em Machado, pensa, ironiza, hesita e ri. Ela se torna sujeito da experiência estética.

Ao articular o português como linguagem de pensamento, Machado criou uma literatura que fundou simbolicamente a nação. Sua língua é mestiça, irônica e reflexiva — como o próprio Brasil. Silviano Santiago (2006, p. 60) observa que “Machado construiu uma língua de fronteira, que mistura o rigor europeu e a malícia tropical.” Essa mestiçagem linguística é também política: ela subverte a hierarquia cultural que situava o Brasil como imitador da Europa. A língua machadiana afirma a autonomia do pensamento brasileiro.

Em *Dom Casmurro*, a sintaxe é pensante: cada pausa, cada inversão, cada digressão reflete a instabilidade de um narrador dividido entre o desejo e a culpa. Em *Esaú e Jacó* e *Memorial de Aires*, a prosa torna-se quase musical, marcada por uma cadência reflexiva que antecipa o modernismo. Machado realiza, antes de Mário de Andrade e Oswald de Andrade, a fusão entre o português europeu e a fala brasileira, sem rupturas violentas, mas com refinamento e ironia.

A fundação da língua literária brasileira por Machado não é apenas estilística, mas ética. Ele transformou a linguagem em espaço de responsabilidade moral. A palavra não é neutra; é um ato que revela intenções e disfarces. “A língua, em Machado, é a consciência do país,” escreve José Miguel Wisnik (2008, p. 102). Essa consciência se expressa em uma prosa que desmonta os discursos de autoridade e expõe a contradição das falas oficiais — sejam elas políticas, científicas ou religiosas.

A língua machadiana também é profundamente metalinguística. O narrador de *Brás Cubas* conversa com o leitor, comenta o próprio texto, ironiza a retórica e desmonta a gramática da seriedade. Esse jogo autorreflexivo confere à prosa uma agilidade que permanece moderna. Machado compreendeu que a língua é viva quando ri de si mesma — e é nesse riso que nasce a modernidade brasileira.

Helen Caldwell (1960, p. 101) chamou Machado de “o Camões do desencanto.” A metáfora é feliz: se Camões celebrou a epopeia da fundação de uma nação, Machado celebrou a epopeia do

desencanto, a fundação de uma consciência crítica. Ambos reinventaram a língua para adequá-la ao espírito de sua época. A diferença é que, enquanto Camões glorifica a pátria, Machado ironiza-a — e é nessa ironia que reside sua universalidade.

Ao transformar o português do Brasil em instrumento de pensamento, Machado antecipou a ideia de que a linguagem é inseparável da identidade nacional. Como sublinha Luiz Costa Lima (1995, p. 162), “a obra de Machado é o momento em que o Brasil passa a pensar literariamente em sua própria língua.” A sintaxe, os ritmos e as pausas tornam-se modos de representar a ambiguidade do país — um Brasil dividido entre o arcaico e o moderno, o europeu e o tropical, o senhor e o escravo.

Do ponto de vista estilístico, Machado é um arquiteto da ambiguidade. Sua prosa conjuga clareza e complexidade, leveza e densidade. Ele domina a ironia como poucos, sabendo que o poder da língua reside no não dito. “A palavra, em Machado, é um gesto que hesita entre o silêncio e a revelação,” afirma Bosi (1999, p. 64). Essa hesitação é o espaço da inteligência: o intervalo onde o pensamento se forma.

A língua machadiana também inaugura uma pedagogia do leitor. Ao conversar com seu público, o narrador o obriga a participar do jogo da interpretação. O leitor não é mero espectador, mas cúmplice da ironia. Essa dimensão dialógica transforma a leitura em exercício crítico. No século XXI, marcado pela leitura automatizada e pelos resumos gerados por algoritmos, essa pedagogia se torna urgente: ler Machado é reaprender a pensar com a língua, não apenas a decodificá-la.

No contexto da inteligência artificial, a reflexão sobre a língua ganha nova relevância. As máquinas processam palavras, mas não conhecem o silêncio; geram frases, mas não compreendem a hesitação. A linguagem algorítmica é literal, enquanto a de Machado é ambígua, polissêmica e irônica. Essa diferença é fundamental: o português de Machado é um idioma de consciência; o português da máquina é um idioma de cálculo.

Lúcia Santaella (2020, p. 137) observa que “a linguagem das máquinas é um espelho sem sombra: reflete, mas não aprofunda.” Machado, ao contrário, transforma a língua em abismo — um espelho com sombra, onde o leitor se reconhece e se perde. Sua obra ensina que a palavra humana é sempre mais do que informação: é memória, é desejo, é contradição.

A influência de Machado sobre a formação da língua literária brasileira se estende até nossos dias. Clarice Lispector herdou sua introspecção; Guimarães Rosa, sua reinvenção da sintaxe; e Rubem Fonseca, sua ironia moral. Todos são, de algum modo, desdobramentos da língua machadiana — uma língua que pensa, hesita e ri.

No ambiente digital, essa herança se torna ainda mais necessária. A proliferação de discursos automáticos ameaça reduzir a língua à função utilitária, eliminando a dúvida e o humor que caracterizam o humano. Reafirmar Machado é reafirmar a linguagem como espaço de liberdade e complexidade.

“Machado é o antídoto da linguagem programada: sua frase não obedece, questiona.”  
(SANTIAGO, 2006, p. 64)

Por isso, Machado de Assis permanece atual. Sua contribuição não foi apenas literária, mas civilizatória. Ele ensinou ao Brasil que pensar é também duvidar, e que duvidar é uma forma superior de inteligência. Sua língua continua sendo o mais sofisticado instrumento de crítica e de invenção do país — uma língua que, como ele próprio, vive entre o riso e o pensamento.

## **8. A recepção crítica no Brasil e no mundo**

A fortuna crítica de Machado de Assis é uma das mais vastas da literatura de língua portuguesa, e talvez uma das mais complexas de todo o Ocidente. Desde o início do século XX, críticos e ensaístas se debruçam sobre sua obra na tentativa de compreender o mistério de uma escrita que parece escapar a todos os rótulos. Como afirmou Raymundo Faoro (1974, p. 66) “Machado é um espelho onde o Brasil aprende a ver-se — e a não se reconhecer.” Essa ambiguidade explica a amplitude e a diversidade das interpretações de que foi objeto, no Brasil e no exterior.

### **8.1 A recepção no Brasil**

A leitura crítica de Machado no Brasil passou por várias fases, cada uma revelando tanto os valores estéticos da época quanto os impasses da própria cultura nacional. No início do século XX, predominou a imagem do “escritor moralista” e “psicólogo”, centrada nas leituras de José Veríssimo e Lúcia Miguel Pereira. Essa primeira recepção, embora limitada pelo formalismo e pela busca de um “gênio nacional”, foi essencial para consolidar Machado como o maior nome da literatura brasileira.

A partir da segunda metade do século XX, com Antônio Candido, Roberto Schwarz e Alfredo Bosi, a crítica machadiana assumiu novo patamar teórico. Candido (1977) interpretou o autor como

fundador da consciência moderna no Brasil, capaz de unir lucidez moral e complexidade formal. Bosi (1999) destacou o olhar analítico e a economia expressiva de sua linguagem, enquanto Schwarz (2000) revelou o caráter estruturalmente político de sua ironia: o escritor que transforma as contradições do país em forma literária.

Roberto Schwarz, em especial, foi o responsável por recolocar Machado no centro do debate sobre o Brasil moderno. Sua formulação das “ideias fora do lugar” mostrou que a ironia machadiana é uma forma de realismo crítico, que desmonta as importações ideológicas do liberalismo europeu e expõe sua inadequação ao contexto escravocrata brasileiro. “Em Machado, o estilo é a forma da contradição social,” afirma Schwarz (2000, p. 83). Essa leitura dialética influenciou gerações de pesquisadores e consagrou o autor como pensador da modernidade periférica.

Silviano Santiago (2006) ampliou essa discussão ao interpretar Machado como um escritor mestiço e pós-colonial. Para ele, a ironia do autor é a resposta estética à condição híbrida da cultura brasileira. “Machado praticou o contrabando cultural: apropriou-se da tradição europeia e devolveu-a contaminada de tropicalidade e crítica,” escreve Santiago (2006, p. 72). Essa visão faz de Machado não apenas um clássico nacional, mas um precursor das discussões contemporâneas sobre interculturalidade e descolonização do saber.

Além desses nomes, a crítica mais recente tem explorado a dimensão filosófica da obra machadiana. Marilena Chauí (2000) analisa sua ironia como instrumento de lucidez moral e resistência à alienação; José Miguel Wisnik (2008) a interpreta como forma de pensamento musical e rítmico; e Luiz Costa Lima (1995) a vê como “epistemologia da dúvida”, capaz de refletir sobre o próprio ato de conhecer. Essa diversidade crítica atesta a profundidade da obra e sua inesgotável capacidade de gerar interpretações.

## 8.2 A recepção internacional

A projeção de Machado no exterior começou de modo tímido, mas ganhou força a partir das traduções em inglês, francês e espanhol no século XX. Helen Caldwell, professora da Universidade da Califórnia, foi a primeira grande estudiosa estrangeira a compreender a modernidade do autor. Em *The Brazilian Othello of Machado de Assis* (1960), ela interpreta *Dom Casmurro* como uma reinvenção de *Otelo*, destacando o ceticismo psicológico e o jogo de perspectivas que antecipam o romance moderno europeu. Caldwell foi responsável por inserir Machado no debate internacional sobre o narrador não confiável, ao lado de Henry James, Flaubert e Proust.

John Gledson (1991) aprofundou esse reconhecimento, propondo uma leitura histórica e formalista. Para ele, Machado é um escritor de transição, que transforma o realismo em consciência crítica. Gledson (1991, p. 72) afirma: “Machado de Assis é um autor europeu nascido no Brasil, mas que fez da mestiçagem sua filosofia estética.” Essa formulação, longe de reduzir o autor à influência europeia, enfatiza sua singularidade: Machado é universal porque soube traduzir a complexidade brasileira em linguagem cosmopolita.

A crítica norte-americana e europeia também tem reconhecido, nas últimas décadas, o caráter antecipatório da obra machadiana em relação ao modernismo e ao pós-modernismo. Susan Sontag (1966) destacou a ironia machadiana como uma das formas mais sofisticadas de autoconsciência literária do século XIX. Para ela, Machado compartilha com Kierkegaard e Nietzsche o gesto de desconstruir a moralidade e a razão.

Mais recentemente, estudiosos como Sidney Chalhoub, Hélio de Seixas Guimarães e John Gledson (em suas revisões contemporâneas) vêm inserindo Machado nos debates pós-coloniais e decoloniais. Chalhoub (2011) defende que o autor deve ser lido como intérprete da escravidão e da cidadania negada, mostrando que sua sutileza não era omissão, mas forma de crítica radical.

Em Portugal, estudiosos como Abel Barros Baptista e Maria Helena Rouanet têm explorado a dimensão filosófica e estilística de sua prosa, reconhecendo nela o que Roland Barthes chamaria de “texto de prazer” — uma escrita que se reflete a si mesma e se faz pensamento.

### **8.3 Machado e a crítica contemporânea: do pós-humano à inteligência artificial**

No século XXI, a recepção crítica de Machado de Assis adquire novas nuances, em diálogo com as transformações tecnológicas e culturais. O avanço das inteligências artificiais e o surgimento das textualidades algorítmicas recolocam sua obra no centro das discussões sobre autoria, subjetividade e linguagem.

Ao criar narradores que escrevem “depois da morte”, “sem corpo” ou “sem certeza”, Machado antecipou as problemáticas do discurso automatizado. Sua literatura oferece as ferramentas teóricas para compreender os textos produzidos por máquinas: ambos constroem sentidos sem vivência, mas só a ironia machadiana reconhece essa ausência.

Como observa Lúcia Santaella (2020, p. 148), “as inteligências artificiais são autoras sem sujeito — escrevem, mas não experienciam.” Machado, ao contrário, faz da ausência de experiência o próprio tema da narrativa. Brás Cubas é o protótipo do narrador pós-humano: raciocina sem corpo,

fala sem vida, ironiza sem emoção. Mas, diferentemente da IA, ele tem consciência de sua própria limitação — e é essa consciência que o torna humano.

Pierre Lévy (1999, p. 45) já sugeria que a inteligência distribuída das redes digitais é uma forma de “coautoria coletiva.” Essa ideia ressoa na estrutura dialógica de Machado, que constrói uma prosa em constante conversa com o leitor. Em suas obras, o sentido nunca é fixo; ele emerge da interação entre autor, texto e leitor. Esse modelo antecipa as formas contemporâneas de textualidade colaborativa e interativa.

Byung-Chul Han (2017, p. 59) argumenta que vivemos na “sociedade da positividade”, na qual a ironia e a negatividade foram substituídas pela transparência e pela repetição. A leitura de Machado de Assis funciona como antídoto a essa homogeneização: sua ironia reintroduz o negativo, o silêncio, a pausa, o gesto de pensar antes de responder. Em um mundo dominado por respostas instantâneas e automáticas, Machado nos devolve o direito à dúvida.

#### **8.4 O legado crítico**

A amplitude da recepção machadiana — nacional e internacional — confirma a vitalidade de sua obra e sua capacidade de dialogar com múltiplas disciplinas: literatura, filosofia, sociologia, linguística e até ciência da computação. Sua ironia, ao mesmo tempo racional e poética, faz dele um pensador do humano e de suas ficções.

Alfredo Bosi (1999, p. 81) conclui que “a ironia de Machado é a forma mais alta da inteligência moral — porque ela pensa, e ao pensar, liberta.” É essa liberdade que torna sua obra inesgotável. Ler Machado hoje é, mais do que nunca, um exercício de emancipação cognitiva: um ato de resistência contra a padronização do pensamento e a mecanização da linguagem.

Seus leitores e críticos, de Candido a Santaella, de Caldwell a Han, reconhecem nele algo raro: um escritor capaz de antecipar o futuro da linguagem sem perder o enraizamento na realidade social. Por isso, Machado de Assis permanece não apenas como o maior autor brasileiro, mas como um dos mais modernos pensadores do discurso — um analista da consciência e da simulação, da moral e da máscara, do humano e de seu espelho eletrônico.



## 9. Considerações finais

Ler Machado de Assis à luz da inteligência artificial é muito mais do que um exercício comparativo entre literatura e tecnologia: é uma investigação sobre o próprio estatuto da consciência e da linguagem. Em um mundo cada vez mais mediado por algoritmos e por discursos automatizados, o autor carioca reaparece como um mestre da lucidez — aquele que, no século XIX, já havia diagnosticado as ilusões do sujeito, as armadilhas do discurso e a fragilidade da verdade.

Machado compreendeu, antes de muitos filósofos, que o ser humano é uma criatura de linguagem — e, portanto, de erro, ironia e contradição. Ao criar narradores como Brás Cubas, Bentinho ou Rubião, ele construiu modelos narrativos que antecipam, de forma literária, o funcionamento das inteligências artificiais contemporâneas: vozes sem corpo, sistemas de fala autônomos, consciências que escrevem sem viver. Mas o que diferencia Machado das máquinas é a consciência da própria ilusão. A ironia é o limite entre o humano e o artificial.

“A ironia machadiana é uma forma de resistência moral e cognitiva diante da banalidade do real.” (BOSI, 1999, p. 59)

Em tempos de automatização do discurso, a ironia se converte em gesto político e exercício ético de liberdade. Ela convida o leitor a questionar o discurso, a suspeitar da aparente clareza das palavras e a reconhecer que toda certeza encerra, em si, uma forma de cegueira. Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o narrador que escreve “depois da morte” encarna o paradoxo da voz sem corpo — um prenúncio simbólico da escrita algorítmica, que fala sem ter quem fale.

“Brás Cubas é o primeiro narrador pós-humano da literatura ocidental.” (MARCUS, 2025)

Essa visão não reduz a genialidade machadiana a uma curiosidade profética, mas revela sua capacidade de pensar a linguagem como sistema autônomo, produtor de sentido mesmo na ausência do sujeito. Ao reconhecer que a escrita vive além da experiência, Machado antecipa o dilema contemporâneo da autoria digital: quem fala quando uma máquina escreve?

Sua resposta é literária e filosófica: fala a linguagem, e a linguagem é sempre ambígua. Por isso, o texto machadiano resiste à automatização — porque não busca apenas comunicar, mas problematizar.

A literatura, em sua forma mais elevada, é o espaço da ambiguidade e da reflexão, enquanto a máquina se limita à previsibilidade.

Em um tempo de excesso informacional e de déficit interpretativo, o gesto machadiano de rir da razão e ironizar a certeza é um antídoto contra o automatismo intelectual. Byung-Chul Han (2017, p. 59) alerta para o perigo da “sociedade da transparência”, em que tudo é visível, rápido e igual. Machado, com sua escrita feita de pausas, digressões e silêncios, oferece o contrário: a lentidão do pensamento, o prazer da dúvida, a beleza da contradição.

“Pensar é hesitar — e a hesitação é a forma mais humana da inteligência.”  
(WISNIK, 2008, p. 85)

O mesmo autor que instaurou o realismo no Brasil inaugurou também o ceticismo moderno — transformando a dúvida em princípio de conhecimento. Mais do que representar o que se vê, o realismo de Machado revela o que se oculta — um olhar crítico que apreende o mundo mediado pelas tramas da linguagem. É precisamente essa consciência que a inteligência artificial não possui, pois sua potência reside na repetição de padrões, não na capacidade de reflexão. A IA calcula; Machado pensa.

Ao criar narradores não confiáveis, Machado não apenas questionou o realismo literário, mas ensinou o leitor a desconfiar de todo discurso de autoridade. Em um mundo em que algoritmos produzem textos “perfeitos”, sem erro nem hesitação, o erro humano torna-se precioso: é sinal de vida, de subjetividade e de ética. O narrador machadiano erra com elegância, duvida com ironia e pensa com humor — virtudes que a inteligência artificial ainda não consegue simular com autenticidade.

“Machado é o antídoto da linguagem programada: sua frase não obedece, questiona.”  
(SANTIAGO, 2006, p. 64)

O legado machadiano, portanto, é duplo: ele nos legou uma estética da dúvida e uma ética da linguagem. Sua obra ensina que a palavra é sempre política, que o riso pode ser filosófico e que o pensamento só é verdadeiro quando reconhece seus limites. Na era das máquinas falantes, essa lição torna-se essencial: precisamos reaprender a ler — e, mais do que isso, a desconfiar do que lemos. Em *Dom Casmurro*, Bento Santiago narra para convencer; em *Brás Cubas*, para se justificar; em *Quincas Borba*, para sobreviver. Em todos, a linguagem é a arena da verdade e da mentira, o espaço onde o humano se revela em sua contradição. O mesmo ocorre com a linguagem das máquinas: quanto mais elas falam, mais revelam que lhes falta a experiência da palavra.

A leitura crítica, tão valorizada por Machado, é, hoje, uma prática de cidadania cognitiva. Diante da avalanche de textos artificiais, o leitor machadiano é aquele que desconfia, que ri das certezas, que reconhece o disfarce do discurso. A ironia é, assim, a forma contemporânea da liberdade: a capacidade de não acreditar totalmente nem na máquina nem em si mesmo.

Como lembra Lúcia Santaella (2020, p. 151), “a leitura inteligente não é a que consome informação, mas a que transforma informação em consciência.” Essa definição é, em essência, machadiana. Ao rir do mundo e de si mesmo, o autor carioca elevou a ironia à categoria de filosofia. Sua escrita é um espelho que pensa — e é justamente isso que falta à linguagem das máquinas: o pensamento do espelho.

Por tudo isso, Machado de Assis continua sendo o maior programador da mente brasileira, não por dominar algoritmos, mas por compreender a estrutura da linguagem e do poder. Ele nos legou uma forma de inteligência que nenhuma máquina pode imitar: a inteligência da dúvida, a sabedoria do limite, o humor da consciência.

Sua obra não envelhece porque ela é, em essência, um algoritmo de humanidade: repete padrões, mas nunca sem crítica; gera sentidos, mas sempre sob suspeita; e, sobretudo, resiste à automatização do pensamento.

Machado de Assis permanece — e permanecerá — como o grande mestre da lucidez. No ruído das máquinas, sua ironia ainda sussurra: “dúvida, leitor — é aí que começa o verdadeiro pensamento.”

## 10. Referências

**BARTHES**, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

**BECHARA**, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

**BOSI**, Alfredo. *Machado de Assis: O enigma do olhar*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

**BOURDIEU**, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

**BYUNG-CHUL**, Han. *A sociedade da transparência*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017. Disponível em: <https://vozes.com.br/produto/a-sociedade-da-transparencia/> Acesso em: 12 out. 2025, 19h00.

**CALDWELL**, Helen. *The Brazilian Othello of Machado de Assis: A study of Dom Casmurro*. Berkeley: University of California Press, 1960.

- CANDIDO**, Antônio. *O discurso e a cidade*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1993.
- CANDIDO**, Antônio. *Formação da literatura brasileira: Momentos decisivos*. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CHALHOUB**, Sidney. *Machado de Assis, historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CHAUÍ**, Marilena. *Convite à filosofia*. 14. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- FAORO**, Raymundo. *Machado de Assis: A pirâmide e o trapézio*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.
- GLEDSON**, John. *Machado de Assis: Ficção e história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- GLEDSON**, John. *Machado de Assis: Ficção e crítica*. Londres: Macmillan, 1991.
- HAN**, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017. Disponível em: <https://vozes.com.br/produto/a-sociedade-do-cansaco/>  
Acesso em: 17 out. 2025, 15h35.
- HOLANDA**, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- LÉVY**, Pierre. *A inteligência coletiva: Por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 1999. Disponível em: <https://edicoescolares.com.br/livros/a-inteligencia-coletiva-pierre-levy/>  
Acesso em: 08 out. 2025, 18h00.
- LIMA**, Luiz Costa. *O controle do imaginário e a afirmação do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MACHADO DE ASSIS**, Joaquim Maria. *Dom Casmurro*. São Paulo: Ática, 1994.
- MACHADO DE ASSIS**, Joaquim Maria. *Esaú e Jacó*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- MACHADO DE ASSIS**, Joaquim Maria. *Memorial de Aires*. São Paulo: Ática, 1998.
- MACHADO DE ASSIS**, Joaquim Maria. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 5. ed. São Paulo: Penguin /Companhia das Letras, 2018.
- MACHADO DE ASSIS**, Joaquim Maria. *Quincas Borba*. São Paulo: Editora FTD, 2006.
- RICOEUR**, Paul. *A metáfora viva*. São Paulo: Loyola, 2000.
- ROUANET**, Sérgio Paulo. *A razão cativa: As ilusões da consciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- SANTAELLA**, Lúcia. *Culturas e artes do pós-humano: Da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003. Disponível em: <https://www.paulus.com.br/portal/livros/culturas-e-artes-do-pos-humano/>  
Acesso em: 07 out. 2025, 11h20.

**SANTIAGO**, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre: Crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

**SANTIAGO**, Silviano. *Machado de Assis: O espelho sem tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

**SCHWARZ**, Roberto. *Ao vencedor as batatas: Forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. 6. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

**SCHWARZ**, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.

**SONTAG**, Susan. *Contra a interpretação*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

**WISNIK**, José Miguel. *Machado Maxixe: O caso Pestana e os sons do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

**WISNIK**, José Miguel. *Veneno remédio: O futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.